



Viktor Yushchenko, líder da oposição na Ucrânia, dirige-se a uma multidão de mais de 10 mil pessoas na Praça da Independência em Kiev, 22 Nov 04, acusando autoridades governamentais de falsificar os resultados da eleição. Os seguidores de Yushchenko adotaram a cor laranja como símbolo do movimento que se opunha à legitimidade do governo eleito. O uso de cores vibrantes como símbolo de rebelião por outros movimentos populares que empregaram a desobediência civil como principal tática deu origem ao termo "revolução colorida".

(Alexander Zemlianichenko, Associated Press)

# O Indivíduo Urbano

## A Fonte de Poder Inexpugnável nos Conflitos Armados do Século XXI

Primeiro Colocado no Concurso de Artigos DePuy 2015

Ten Cel Erik A. Claessen, Exército da Bélgica

**A** pós a Batalha de Borodino, em setembro de 1812, Napoleão avançou na direção de Moscou. Nesse momento de crise, a maioria dos generais instou o Marechal de Campo Mikhail Kutuzov a defender a cidade a qualquer custo. Kutuzov recusou-se, porque "o próprio ato de ceder Moscou nos preparará para derrotar

nosso inimigo. Enquanto o Exército existir e for capaz de resistir ao inimigo, estaremos seguros, na esperança de que a guerra se conclua satisfatoriamente; contudo, quando o Exército for destruído, Moscou e Rússia perecerão. Ordeno a retirada!"<sup>1</sup> Com esse comando, os cidadãos evacuaram a cidade, ateando-lhe fogo.

A guerra é um ato de violência destinado a obrigar o inimigo a cumprir nossa vontade ao privá-lo de poder<sup>2</sup>. Portanto, as fontes de poder são de extrema importância. Todo beligerante protege seus integrantes ao mesmo tempo que obtém a iniciativa para atacar os de seu adversário. Por considerar o Exército como a verdadeira fonte do poder russo, Kutuzov fez a difícil escolha de preservar suas tropas em vez de proteger a capital.

Naquela época, Moscou tinha 270 mil habitantes. Atualmente, sua população soma 12 milhões de pessoas. Em 1800, 3% da população mundial vivia em cidades. A porcentagem hoje é de 50%, e as tendências indicam que chegará a 60% até 2030. Levando em conta o crescimento da população mundial de um para oito bilhões nesse mesmo período, isso significa que o número de residentes urbanos terá aumentado mais de 150 vezes em pouco mais de dois séculos<sup>3</sup>. O escopo dessa evolução levanta a seguinte questão: a importância relativa das Forças Armadas e das cidades como fontes de poder permaneceu inalterada? Uma forma de responder a essa pergunta é analisar o que os governantes constituídos da Rússia consideram a mais perigosa ameaça ao seu país e regime neste momento.

Dois séculos após Borodino, o Kremlin declara que Moscou está, mais uma vez, sob a ameaça de um ataque iminente. Em maio de 2014, as autoridades russas organizaram uma conferência de segurança internacional inteiramente voltada às *revoluções coloridas*<sup>4</sup>. Durante a conferência, o Gen Valery Gerasimov — Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Federação Russa — explicou sua perspectiva sobre a remoção do presidente ucraniano, Viktor Yanukovich, no início daquele ano: “As Revoluções Coloridas se tornaram a principal alavanca para a realização de ideias políticas. [...] Baseiam-se em estratégias políticas que envolvem a *manipulação externa do potencial de protesto de uma população*, aliadas a medidas políticas, econômicas, humanitárias e outros recursos não militares”<sup>5</sup>. Em uma publicação anterior, afirmou: “[A]s regras da guerra mudaram significativamente. O papel de métodos não militares para atingir objetivos políticos e estratégicos aumentou, e sua eficácia, em alguns casos, ultrapassou a de uma Força Armada”<sup>6</sup>. Aos olhos do Kremlin, esse tipo de mudança de regime pode acontecer a qualquer momento em Moscou. As manifestações de massa em Moscou poderiam ser tão ameaçadoras a

Putin quando mostraram ser para Yanukovich em Kiev. Por isso, o Presidente Putin declarou, firmemente: “Vemos que a onda das chamadas ‘revoluções coloridas’ levou a consequências tão trágicas. [...] Para nós, esta é uma lição e uma advertência, e precisamos fazer tudo o que for necessário para prevenir que algo parecido aconteça na Rússia”<sup>7</sup>.

Ainda que indique que o Kremlin se recusa a distinguir entre manifestações espontâneas e uma subversão organizada, sua interpretação dos acontecimentos recentes mostra que ele considera a mobilização urbana como um poder equivalente ou superior à força militar convencional. A opinião de Gerasimov quanto à importância relativa dos exércitos e das cidades é, claramente, totalmente oposta à de Kutuzov. Outros fatos corroboram sua perspectiva. Em megacidades como Cairo, Bagdá e Gaza, a força militar se mostrou inadequada para conter a mobilização popular. Conforme a urbanização continuar, essa tendência só vai se exacerbar.

Entretanto, o maior papel das cidades nos conflitos armados não se deve a elas propriamente, mas ao modo pelo qual seus numerosos habitantes interagem. Este artigo propõe que a fonte de poder nos futuros conflitos armados é o potencial de protesto dos indivíduos urbanos. Portanto, privar o inimigo de poder requer isolá-lo de simpatizantes urbanos no início das operações. Para isso, faz-se necessário um novo entendimento do primeiro alicerce das operações terrestres unificadas: a iniciativa<sup>8</sup>.

Para corroborar essa assertiva, este artigo explica, primeiro, o processo de urbanização no contexto dos conflitos e da guerra. Em seguida, descreve como os beligerantes de base urbana utilizam as megacidades como fontes de poder estratégicas, em vez de vantajosos campos de batalha táticos. Analisa, ainda, por que obter o forte apoio popular é a ação decisiva em um conflito megaurbano. Por fim, extrai as implicações militares dessa análise.

## Urbanização

As megacidades do século XXI, que contêm alguns milhões de habitantes, não são meras versões ampliadas de cidades do início do século XIX com menos de cem mil residentes. A urbanização não significa apenas que as cidades se expandem, mas que o caráter urbano do ambiente se torna o parâmetro determinante da própria vida.



Vista da *Leninsky Prospekt*, em Grozny, capital da República da Tchetchênia, Rússia, 13 Abr 95. Bombardeios aéreos por forças russas no mês de janeiro anterior tornou-a uma das ruas mais perigosas do mundo.

(Shakh Aivazov, Associated Press)

Em 1800, as cidades consistiam em áreas pequenas, mas densamente povoadas, regidas por uma administração rudimentar e protegidas por um perímetro fortificado. A defesa de uma cidade se apoiava completamente no valor do perímetro como obstáculo. Caso o penetrassem, a cidade estaria perdida. Era impossível conduzir uma resistência prolongada dentro do perímetro. À medida que a efetividade do poder de fogo contra as fortificações aumentou, a importância das cidades nas guerras diminuiu.

Em contrapartida, as megacidades contemporâneas são grandes áreas com elevada densidade demográfica, onde a vida depende da administração. Os perímetros na forma de anel viário aumentam, em vez de impedir, o acesso ao centro. Entretanto, isso não significa que essas cidades estejam indefesas. Ao contrário, o valor defensivo de uma megacidade advém do tamanho da força necessária para controlar os cidadãos que ali residem. Quinlivan demonstrou que dois parâmetros determinam os requisitos de força para controlar uma cidade: o tamanho da população e o nível de hostilidade ou discórdia<sup>9</sup>. Comparando áreas pacíficas e em conflito ao redor do mundo, ele mostra que— dependendo do nível de hostilidade — os requisitos de força por cada mil habitantes variam de dois policiais levemente armados em uma viatura de patrulhamento a vinte militares providos de equipamentos pesados

e adequadamente apoiados. Em megacidades, essa regra muda, completamente, o caráter do combate urbano. O fato de os requisitos de força para o combate urbano serem proporcionais ao tamanho da população e não aos efetivos do inimigo coloca o indivíduo urbano no centro da formulação da estratégia. Em virtude do grande tamanho da população, um beligerante de base urbana impõe custos mais elevados aos inimigos ao mobilizar os moradores da cidade contra suas forças, em vez de combatê-las diretamente<sup>10</sup>. Portanto, a força dos beligerantes de base urbana está em sua capacidade de ajustar o nível de hostilidade a um grau ideal.

Níveis baixos de hostilidade

não perturbam o adversário, mas graus extremamente elevados de violência tampouco ameaçam o inimigo. Acima de um certo patamar, os atos de violência produzem resultados cada vez menores. Ainda que amplie os requisitos de força do adversário para o combate, a violência extrema diminui os requisitos de força para medidas de controle da população. A extrema violência gera a insegurança desenfreada e o colapso dos serviços administrativos, levando os cidadãos a fugir da cidade. A resultante redução da população urbana diminui o número de militares necessários para controlá-la. Além disso, à medida que o número de cidadãos diminui, a efetividade de sistemas de armas a distância cresce, permitindo que o adversário substitua tropas pela tecnologia. Os beligerantes de base urbana bem-sucedidos sobrepõem a força adversária dentro da cidade sem assustar os cidadãos a ponto de a abandonarem.

## Sistema de Armas ou Fonte de Poder

Os combates de agosto de 1996 e janeiro de 2000 em Grozny ilustram o fato de que as cidades oferecem ao beligerante de base urbana muitas oportunidades para escalar o nível de violência contra um adversário superior em termos militares<sup>11</sup>. Contudo, também revelam as limitações de tal abordagem. As estruturas de concreto de Grozny proporcionaram cobertura e abrigo. Os combatentes tchetchenos usaram o sistema de

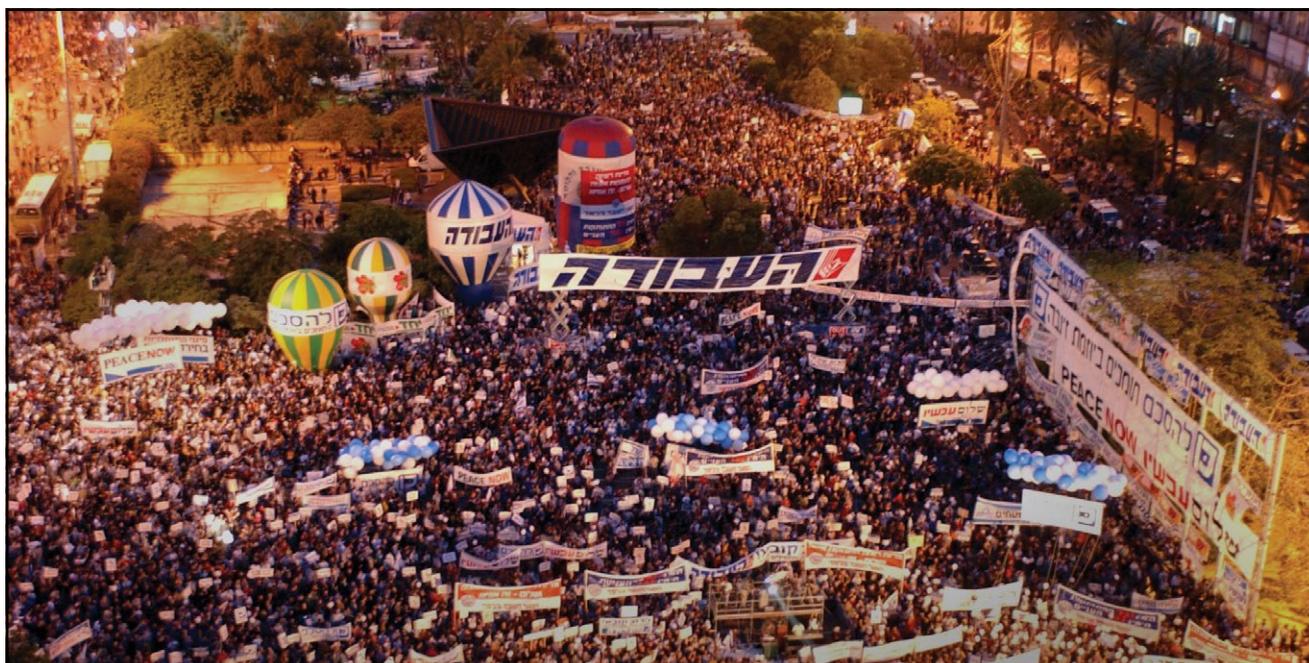
esgoto para se movimentarem pela cidade rapidamente, sem se expor ao fogo inimigo. As posições defensivas nos andares mais altos dos prédios negaram aos russos as vantagens oferecidas pelos carros de combate, em virtude da elevação limitada de suas peças. Além disso, as ruas estreitas restringiram a capacidade de manobra russa e reduziram, consideravelmente, a observação e campos de tiro. Isso possibilitou que os tchetchenos combatessem de maneira tão próxima que os russos não tinham como solicitar apoio de fogo indireto devido ao risco proibitivo de fratricídio.

De fato, os combatentes tchetchenos transformaram a infraestrutura urbana de Grozny em um enorme sistema de armas destinado a negar aos russos as vantagens que obtinham de sua superioridade numérica e tecnológica. Em 1996, os combatentes tchetchenos obtiveram sucesso com isso. Entretanto, a principal desvantagem de um grau de violência tão elevado é que ele despoeva a cidade. No caso de Grozny, a população diminuiu de 300 mil no começo das hostilidades para menos de 20 mil no final. À medida que mais e mais civis foram deixando a capital, os combatentes tchetchenos proporcionaram aos russos localizações geográficas claramente definidas, nas quais estes podiam concentrar-se. Valendo-se das lições aprendidas em 1996, em vez de entrarem na cidade, as tropas blindadas e de infantaria russas a cercaram. Enviaram frações

de reconhecimento para localizar as posições de combate urbano tchetchenas, destruindo-as a partir de uma distância segura com caças, artilharia e munições termobáricas. Sem uma fonte de recrutamento para repor suas perdas, esse desgaste acabou levando ao colapso da defesa tchetchena da capital.

Ainda que inovador, o conceito de operações tchetcheno refletia uma visão do combate como “única força efetiva na guerra”<sup>12</sup>. Essa visão permanece apoiada na teoria militar do século XIX, segundo a qual “é evidente que a destruição das forças inimigas é sempre o meio mais elevado, mais eficaz, com o qual os outros não podem competir”<sup>13</sup>. Segundo essa linha de pensamento, utilizar a infraestrutura urbana como campo de batalha é apenas outra forma de obter uma posição de vantagem sobre o inimigo.

De modo oposto, a retirada israelense de Gaza, em 2005, mostra que — acima de um certo tamanho — as cidades oferecem alternativas fundamentalmente diferentes para o beligerante de base urbana. Em megacidades turbulentas, os requisitos de força para as medidas de controle da população aproximam-se dos necessários para um combate decisivo. Em 1967, as Forças de Defesa de Israel precisaram de 11 brigadas para derrotar o Exército egípcio e conquistar o Deserto de Sinai — incluindo Gaza<sup>14</sup>. Após a Guerra dos Seis Dias, as Forças de Defesa de Israel precisaram de apenas alguns



Milhares de manifestantes israelenses em protesto na Praça Rabin, em Tel Aviv, exigindo a retirada da Faixa de Gaza, 15 Mai 04.

(Ariel Schalit, Associated Press)

batalhões para policiarem os 350 mil palestinos desmoralizados que ali viviam<sup>15</sup>. Entretanto, a população cresceu rapidamente e se radicalizou. No espaço de uma geração, Gaza transformou-se de um aglomerado de aldeias em uma extensa área urbana. Movimentos ativistas como o Hamas mobilizaram, continuamente, o 1,3 milhão de habitantes de Gaza, levando-os a participar de protestos frequentes e violentos, complementados por eventuais ataques terroristas. Em consequência da rápida urbanização e maior hostilidade, os requisitos de força israelenses para o controle da população aumentaram para nove brigadas<sup>16</sup>. Para conter o Hamas, Israel teve de empregar um número crescente de tropas. Em 2004, as Forças de Defesa de Israel estavam combatendo quase o equivalente à Guerra dos Seis Dias, semana após semana, sem um fim à vista. A situação se mostrou insustentável. Em uma decisão sem precedentes, o governo israelense formulou um plano de ruptura de combate e solicitou que o Parlamento (Knesset) o aprovasse. Em 16 Fev 05, o Knesset votou pelo desmantelamento dos assentamentos israelenses em Gaza e pela retirada unilateral da área<sup>17</sup>.

Durante os eventos que levaram o Hamas a aposar-se de Gaza, o combate nunca foi a força efetiva na guerra. Da mesma forma, os beligerantes que usam a população urbana como fonte de poder, em vez de usar a infraestrutura urbana como um sistema de armas, aplicam uma forma de combate fundamentalmente diferente que a descrita pela teoria militar clássica. O mecanismo utilizado pelos beligerantes de base urbana para vencer não é o combate; é a convivência conflituosa.

## Convivência Conflituosa

Na convivência conflituosa, obter o apoio da população megaurbana é a operação decisiva. A campanha de violência e hostilidade propriamente dita é apenas uma forma de transformar tal vantagem em um resultado favorável duradouro. Uma convivência conflituosa depende da capacidade de ser um fator de inquietação contínuo, amorfo e que se regenere para o adversário. O apoio popular é a fonte dessa capacidade por fornecer acesso ao potencial de protesto da população.

Na verdade, a violência no conflito urbano permanece rudimentar e primitiva. Contudo, sua efetividade não advém das baixas e danos que ela provoca, e sim do custo das medidas para contê-la. Os dispositivos

explosivos improvisados e as emboscadas são efetivos não por eliminarem as tropas do adversário, mas por obrigarem-no a conduzir patrulhas com um conjunto de combate composto de viaturas blindadas, vigilância por veículos aéreos não tripulados, artilharia e apoio aéreo aproximado, em vez de algumas poucas viaturas de polícia sem blindagem. Por outro lado, os instrumentos de hostilidade urbana, como as manifestações de massa, as greves, as barricadas e os ataques terroristas, continuam sendo adequados e quase não evoluem. Um líder revolucionário francês de 1789 que fosse, de algum modo, teletransportado de Paris para o meio das multidões da Praça Tahrir, no Cairo, em 2011, teria reconhecido e entendido, imediatamente, tudo o que estava acontecendo. Contudo, ele desconheceria, completamente, os métodos empregados para atrair aquelas massas para o local.

O Manual de Campanha 3-24, *Contra-insurgência* (FM 3-24, *Counterinsurgency*), de 2006, explica que o “povo apoiará a fonte que atender às suas necessidades”<sup>18</sup>. Para a população rural, essa fonte pode ser suas terras, suas próprias habilidades, os produtos agrícolas e a lenha em seus celeiros e os amigos, parentes e membros do clã com os quais possam contar em momentos difíceis. A política e a administração importam muito pouco para sua vida cotidiana. Nada disso se aplica aos cidadãos urbanos da atualidade. Nas megacidades, as necessidades básicas, como segurança, abrigo, água, alimentos e energia, dependem de estruturas administrativas, como socorristas de primeira resposta, serviços e obras públicas e organizações de assistência social. A urbanização gera uma demanda insaciável por administração. A eletricidade, a água corrente e as telecomunicações não existiam em 1800, mas são consideradas essenciais em 2015. Além disso, as habilidades dos indivíduos urbanos só têm importância dentro do contexto de emprego e comércio do espaço socioeconômico configurado pela governança urbana. Portanto, os moradores da cidade são bastante suscetíveis a sinais de melhora político-administrativa — por mais tendenciosa que seja a fonte que os forneça.

O espírito urbano é maleável. É quase certo que as organizações que proporcionem o conforto das necessidades urbanas às favelas — como água corrente, eletricidade ou coleta de lixo — conquistem o apoio de seus moradores. Da mesma forma, ativistas da sociedade civil que façam campanha contra a corrupção

têm uma boa chance de mobilizar a juventude urbana qualificada, que exige acesso à ascensão social com base no mérito, e não no favoritismo. Para tirar proveito da suscetibilidade urbana a melhoras político-administrativas, os beligerantes de base urbana mobilizam os moradores da cidade ao fornecer-lhes conforto, esperança e raiva. Sua capacidade para isso cresceu exponencialmente nas últimas quatro décadas, em virtude de dois fatos importantes: a captação global de recursos e a comunicação ilimitada.

A captação global de recursos permite que os beligerantes de base urbana representem uma vantagem, em vez de um fardo para a população. Alguns movimentos ativistas modernos organizam estruturas administrativas de prestação de serviços urbanos e assistência social paralelas às do governo. Financiam essas estruturas por meio da captação de recursos no exterior<sup>19</sup>. A quantidade cada vez maior de migrantes e o desenvolvimento de sistemas acessíveis de transferência monetária internacional só vão acelerar essa tendência.

A comunicação ilimitada é um avanço recente, mas que vem evoluindo rapidamente. Fatores inibidores, como custo, alcance, largura de banda e censura, costumavam limitar as capacidades de comunicação

dos atores não estatais. Até os anos 80, os governantes podiam restringir a exposição da população à mídia, permitindo-lhe acesso apenas às estações de rádio, canais de televisão e jornais estatais. Esse tempo já passou. O desempenho cada vez melhor de sistemas de informações e comunicações de propriedade privada levou a uma situação em que até a menor organização pode dirigir-se a uma audiência de milhões de espectadores. A Revolução Iraniana de 1979 oferece um exemplo inicial dessa evolução. A retórica revolucionária em fitas cassete exerceu um papel crucial na deposição do Xá<sup>20</sup>. A Primavera Árabe e as revoluções coloridas demonstraram que as organizações ativistas são capazes de mobilizar milhões de pessoas, contanto que criem mensagens e imagens que correspondam à esperança e à raiva do público-alvo.

Concomitantemente, a violência continua sendo um componente essencial da convivência conflituosa, mas os beligerantes de base urbana bem-sucedidos a empregam de maneira moderada e simples. Uma violência intensa e sofisticada requer combatentes especializados e um comando e controle em tempo real. Ambos são difíceis de obter e — por serem meios raros e valiosos — são vulneráveis à vigilância, aquisição



Egípcios comemoram a notícia da renúncia do Presidente Hosni Mubarak em 11 Fev 11, Praça Tahrir, no Cairo, Egito. As manifestações antigoverno da "Primavera Árabe" se espalharam pelo Oriente Médio em 2011, levando à remoção de vários ditadores na região.

(Tara Todras-Whitehill, Associated Press)

de alvos e ataques de precisão. Além disso, o combate de alta intensidade despovoou as áreas urbanas, como aconteceu em Grozny. Em contrapartida, a violência em baixo grau e de caráter rudimentar não leva os cidadãos a sair da cidade, está ao alcance de combatentes não especializados e prontamente disponíveis e requer apenas uma orientação anônima e geral, e não um comando e controle rastreável em tempo real. Parafraseando a Publicação Doutrinária do Exército 3-0, *Operações Terrestres Unificadas (ADP 3-0, Unified Land Operations)*, esse tipo de beligerante não tem uma organização claramente definida na qual seu adversário possa concentrar-se<sup>21</sup>. Um beligerante de base urbana não precisa prevalecer no combate quando a hostilidade megaurbana é suficiente para forçar o adversário a sair.

## Implicações Militares

A importância do apoio popular na convivência conflituosa confere um novo significado ao conceito de iniciativa nas operações terrestres unificadas. Segundo a ADP 3-0:

Para obter a iniciativa (estabelecendo e ditando os termos da ação), as tropas do Exército reduzem a capacidade do inimigo para funcionar como uma força coesa. [...] Os comandantes continuam a explorar a iniciativa até colocarem o inimigo em uma posição que elimine qualquer habilidade de empregar a capacidade militar de forma conexa. Essa contínua resistência só pode levar à destruição física do potencial militar do inimigo e à *exposição de suas fontes de poder a uma iminente destruição ou captura* [ênfase nossa]. Essas são, normalmente, as condições militares necessárias para o término de um conflito em termos favoráveis<sup>22</sup>.

Esse entendimento da iniciativa se concentra nas forças inimigas. A premissa subjacente é que a redução das capacidades militares do inimigo expõe suas fontes de poder à destruição ou captura. Essa premissa é válida para todas as fontes de poder, exceto para aquela que importa nas megacidades: o potencial de protesto da população.

Portanto, os beligerantes de base urbana têm uma visão diferente da iniciativa. Colocam seu foco nas pessoas. A queda de Bagdá, em 2003, ilustra, claramente,

as diferentes perspectivas sobre o problema de conquistar e manter cidades em um mundo urbanizado. Ao entrarem na capital iraquiana, as tropas norte-americanas destruíram as capacidades do inimigo e conquistaram terreno decisivo e infraestrutura crítica. Em contrapartida, Moqtada al-Sadr organizou uma peregrinação a Karbala e se apoderou dos centros religiosos e de assistência social de Bagdá<sup>23</sup>. Os acontecimentos após 2003 mostraram que as iniciativas de al-Sadr resultaram em um controle mais firme de grandes áreas de Bagdá do que o exercido pela coalizão liderada pelos EUA.

O valor de iniciativas para obter o controle sobre o potencial de protesto da população não se restringe a insurgências e revoluções. As operações russas que levaram à anexação da Crimeia demonstram sua aplicabilidade ao conflito entre Estados.

A campanha na Crimeia foi, sobretudo, um esforço de comunicação estratégica, seguido de uma operação militar mínima, mas decisiva<sup>24</sup>. A remoção do presidente ucraniano, Yanukovich, em 22 Feb 14, provocou violentas manifestações de massa na capital da Crimeia, Sebastopol. A mídia russa explorou a agitação popular, retratando o novo governo em Kiev como um regime fascista. Promessas de desenvolvimento econômico e benefícios sociais complementaram as ações de propaganda que promoviam a adesão à Federação Russa. Uma semana depois, o parlamento russo discutiu um projeto de lei que concederia cidadania russa aos “cidadãos de língua russa da antiga União Soviética, independentemente de sua nacionalidade, que se vissem diante de uma real ameaça de discriminação baseada em filiação étnica e cultural, política ou profissional”<sup>25</sup>. Ao oferecer passaportes aos habitantes da Crimeia, o Kremlin não só lhes deu a oportunidade de expressar sua filiação a Moscou da maneira mais clara, como também criou uma minoria russa em solo ucraniano — quanto à qual pudesse alegar ter o direito e o dever de proteger. Uma quantidade cada vez maior de “homenzinhos verdes” (que se acredita serem, embora isso não tenha sido provado, militares russos que removeram todas as insígnias de suas fardas e viaturas blindadas leves) surgiu nas ruas de Sebastopol. Misturaram-se com manifestantes civis e milícias armadas de “autodefesa” que cercavam importantes instalações de infraestrutura e bases militares ucranianas.

Essas milícias não eram de grande valor militar, mas forneceram ao Kremlin a possibilidade de negar

responsabilidade, da qual precisava para alegar que os “homenzinhos verdes” não eram tropas russas. Incapazes de entrar ou sair de seu quartel, as unidades ucranianas se renderam uma após a outra. Em menos de um mês e quase sem um disparo, um total estimado de 10 mil militares russos forçou 16 mil tropas ucranianas a deixar a Crimeia, abandonando 189 bases militares, todas as armas e a frota ucraniana inteira. A anexação da Crimeia demonstra como as iniciativas de mobilizar o potencial de protesto da população urbana podem melhorar muito a capacidade das forças terrestres para criar resultados favoráveis e duradouros para os conflitos armados.

## Conclusão

Em consequência da urbanização, os beligerantes hoje têm a opção de explorar uma fonte de poder inexpugnável: o potencial de protesto da população. No número cada vez maior de megacidades do século XXI, esse potencial permite que os beligerantes de base urbana

elevem a níveis proibitivos os requisitos de força para medidas de controle da população. O mecanismo de derrota nesse tipo de guerra não é um combate decisivo, mas a convivência conflituosa. Aplica-se a revoluções e insurgências, assim como ao conflito entre Estados. Conforme a urbanização continuar, sua ocorrência só vai aumentar. Para lidar com essa evolução, as forças terrestres precisam ajustar seu entendimento da iniciativa. Considerando que o apoio popular — como fonte do poder — não está exposto à destruição ou captura, a única forma de negá-lo ao inimigo é adquiri-lo para si próprio. Portanto, iniciativas em operações terrestres precisam concentrar-se no conforto, esperança e raiva da população megaurbana. Isso requer a capacitação nos campos do entendimento, atividades de informação e influência, assistência humanitária e prestação de serviços essenciais urbanos. Em um mundo urbanizado, obter o apoio popular não é um mecanismo para consolidar o resultado de operações militares decisivas, e sim um pré-requisito para iniciá-las. ■

*O Tenente-Coronel Erik A. Claessen, do Exército da Bélgica, é o oficial comandante do Centro de Distribuição e Trânsito para Recursos Materiais do Departamento de Defesa da Bélgica. Entre julho de 2010 e outubro de 2014, serviu no Departamento de Estratégia do Estado-Maior Conjunto da Bélgica como oficial encarregado da seção de capacidades terrestres. Concluiu o mestrado em Arte e Ciência Militar pelo Command and General Staff College, no Forte Leavenworth, Estado do Kansas.*

## Referências

1. Albert Sidney Britt, *The Wars of Napoleon* (Garden City Park, NY: Square One Publishers, 2003), p. 117.
2. Carl von Clausewitz, *On War*, ed. and trans. Michael Howard and Peter Paret (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1976), p. 75. [Os trechos da obra *Da Guerra* foram extraídos da tradução do inglês para o português do CMG (RRm) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, a partir da versão em inglês de Michael Howard e Peter Paret. — N. do T.]
3. United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, *World Urbanization Prospects: The 2014 Revision, Highlights* (ST/ESA/SER.A/352), 2014, acesso em 1 set. 2015, <http://esa.un.org/unpd/wup/Highlights/WUP2014-Highlights.pdf>. Essa fonte fornece dados sobre a composição demográfica e urbanização mundial.
4. A “revolução colorida” é um termo empregado para as manifestações de massa que levaram à mudança de regime nos antigos Estados da União Soviética e dos Balcãs. Exemplos incluem a Revolução Rosa na Geórgia, em 2003; a Revolução Laranja na Ucrânia, em 2004; a Revolução das Tulipas no Quirguistão, em 2005; e a Revolução Euromaidan na Ucrânia, em 2014.
5. Vladimir Gerasimov, “On the Role of Military Force in Modern Conflicts”, *Report of the Third Moscow Conference on International Security, Conference Materials*, ed. A.I. Antonov, (Moscow: The Ministry of Defence of the Russian Federation, 2014), p. 15, acesso em 13 jun. 2015, [http://mil.ru/files/morf/MCIS\\_report\\_catalogue\\_final\\_RUS\\_21\\_10\\_preview.pdf](http://mil.ru/files/morf/MCIS_report_catalogue_final_RUS_21_10_preview.pdf). Texto original: “Основным средством реализации политических замыслов становятся «цветные революции». ... В их основе лежат политтехнологии, предусматривающие манипуляцию извне протестным потенциалом населения в сочетании с политическими, экономическими, гуманитарными и другими невоенными мерами.” Versão para o inglês de E. Claessen.
6. Army Gen. Vladimir Gerasimov, “New Challenges Require Rethinking the Forms and Methods of Warfare”, *Военно-Промышленная курьер* 8(476), 27 Feb. 2013, acesso em 13 jun. 2015, <http://www.vpk-news.ru/articles/14632>. Texto original: “И

сами «правила войны» существенно изменились. Возросла роль невоенных способов в достижении политических и стратегических целей, которые в ряде случаев по своей эффективности значительно превосходили силу оружия." Versão para o inglês de E. Claessen.

7. Vladimir Putin, Transcript of the Meeting of the Security Council on 20 November 2014, acesso em 13 jun. 2015, <http://kremlin.ru/events/president/news/47045>. Texto original: "Мы видим, к каким трагическим последствиям привела волна так называемых «цветных революций» ... Для нас это урок и предупреждение, и мы обязаны сделать всё необходимое, чтобы подобное никогда не случилось в России." Versão para o inglês de E. Claessen.

8. Army Doctrine Publication (ADP) 3-0, *Unified Land Operations* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office [GPO], 10 October 2011), p. 5.

9. James T. Quinlivan, "Force Requirements in Stability Operations", *Parameters* (Winter 1995): p. 59–69.

10. *Ibid.*, p. 69. Quinlivan explica, sucintamente, o que isso significa na prática: "A combinação das proporções de força, populações atuais, tamanho das forças de Infantaria existentes e implicações para o rodízio pode ser surpreendente. Proporções de força acima de dez integrantes das forças de segurança para cada mil habitantes não são algo incomum nas operações atuais (Irlanda do Norte ou até Mogadíscio). Sustentar uma força de estabilização com tal proporção de força para uma cidade com um milhão de habitantes [...] poderia exigir um desdobramento de cerca de um quarto de todos os batalhões de Infantaria regulares do Exército dos EUA".

11. Olga Olikier, *Russia's Chechen Wars 1994-2000: Lessons from Urban Combat* (Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2001). A análise dos combates de Grozny baseia-se no estudo constante deste livro.

12. Carl von Clausewitz, p. 97.

13. *Ibid.*

14. Martin van Creveld, *Defending Israel: a Controversial Plan toward Peace* (New York: Thomas Dunne Books, 2004), p. 148.

15. *Ibid.*, p. 26. "Por muitos anos após 1967, as forças necessárias para reprimir os Territórios eram insignificantes, consistindo apenas em alguns batalhões."

16. *Ibid.*, p. 148.

17. Em 16 Fev 05, a Implementação da Lei do Plano de Desengajamento (Compensação para os Evacuados) foi aprovada pelo Knesset com 59 votos a favor, 40 votos contra e 5 abstenções, acesso em 13 jun. 2015, <http://www.knesset.gov.il/review/YearPage.aspx?yr=2005&lng=3>.

18. Field Manual 3-24, *Counterinsurgency* (Washington, DC: U.S. GPO, 15 December 2006), 3–11.

19. U.S. State Department, *Country Reports on Terrorism 2009*, August 2010, p. 251, acesso em 14 ago. 2015, <http://www.state.gov/documents/organization/141114.pdf>. O Hamas fornece

um exemplo de captação global de recursos: "O Hamas recebe parte de seu financiamento, armas e adestramento do Irã. Além disso, a captação de recursos ocorre nos países do Golfo Pérsico, mas o grupo também recebe doações de palestinos expatriados em todo o mundo. Algumas atividades de captação de recursos e propaganda ocorrem na Europa Ocidental e na América do Norte".

20. Annabelle Sreberny-Mohammadi e Ali Mohammadi, *Small Media, Big Revolution: Communication, Culture and the Iranian Revolution* (Minneapolis: University of Minnesota, 1994). Essa fonte fornece informações sobre o papel das fitas cassete na Revolução Iraniana. O Aiatolá Khomeini, no Irã, foi um pioneiro no uso de novas formas de comunicação que escapavam ao controle do regime. Gravava sermões políticos em fitas cassete e as distribuía entre os peregrinos xiitas, que visitavam sua cidade de exílio, Najaf, no Iraque. O uso difundido de toca-fitas japoneses de baixo custo durante os anos 70 foi um precursor das mídias sociais. Em vez de escutar os meios de comunicação controlados pelo Estado, os iranianos comuns ouviam os discursos emocionantes de Khomeini, gravavam cópias das fitas e as repassavam aos amigos e parentes. Pela primeira vez na história, indivíduos foram capazes de selecionar, reproduzir e compartilhar informações gravadas. Essa capacidade desempenhou um importante papel na mobilização da massa urbana que levou à queda do Xá Reza Pahlavi e ao surgimento da República Islâmica.

21. ADP 3-0, *Unified Land Operations*, p. 4.

22. *Ibid.*, p. 5.

23. Crisis Group Middle East Report No. 55, "Iraq's Muqtada's al-Sadr: Spoiler or Stabiliser", International Crisis Group website, 11 July 2006, p. 7 e p. 9, acesso em 14 ago. 2015, [http://www.crisisgroup.org/~media/Files/Middle%20East%20North%20Africa/Iraq%20Syria%20Lebanon/Iraq/55\\_iraq\\_s\\_muqtada\\_al\\_sadr\\_spoiler\\_or\\_stabiliser.pdf](http://www.crisisgroup.org/~media/Files/Middle%20East%20North%20Africa/Iraq%20Syria%20Lebanon/Iraq/55_iraq_s_muqtada_al_sadr_spoiler_or_stabiliser.pdf). "Muqtada demonstrou sua capacidade para refletir e canalizar sentimentos populares incipientes já na primeira oração da sexta-feira (*khutba*), proferida em Kufa, em 11 Abr 03. Instou os xiitas a expressar sua devoção fazendo uma peregrinação a pé até Karbala. [...] Imediatamente após a queda do regime, as comemorações maciças ofereceram aos xiitas a primeira oportunidade para ver e medir sua nova e enorme Força".

24. Anton Bebler, "Crimea and the Russian-Ukrainian Conflict", *Romanian Journal of European Affairs* Vol. 15(1) (March 2015). Essa fonte apresenta uma análise dos acontecimentos que levaram à anexação da Crimeia.

25. "Procedure for Obtaining Russian Citizenship will be Simplified for Residents of the CIS" Interfax, 27 February 2014, acesso em 13 jun. 2015, <http://www.interfax.ru/russia/361446>. Texto original: "русскоязычным гражданам бывшего СССР вне зависимости от их национальности, столкнувшимся с реальной угрозой дискриминации по этнокультурной, политической или профессиональной принадлежности." Versão para o inglês de E. Claessen.